

Análise da produção científica sobre atributos da violência obstétrica

Analysis of scientific production on attributes of obstetric violence

Análisis de la producción científica sobre los atributos de la violencia obstétrica

Recebido: 01/07/2020 | Revisado: 14/07/2020 | Aceito: 15/07/2020 | Publicado: 20/07/2020

Ana Luiza Macedo Feijão

ORCID: <https://0000-0003-3557-1543>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil

E-mail: aluiza12@gmail

Gabriel Pereira Maciel

ORCID: <https://0000-0002-4141-1995>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil

E-mail: gabrielpmaciel12@gmail.com

Jade Maria Albuquerque de Oliveira

ORCID: <https://0000-0001-9330-1811>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil

E-mail: jade_daring@hotmail.com

Resumo

Objetivo: Analisar os conceitos e discussões sobre violência obstétrica presentes na literatura científica. Metodologia: Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão integrativa, realizado entre os meses de julho de 2019 a janeiro de 2020. As buscas foram operacionalizadas a partir da pergunta norteadora “quais os conceitos e discussões atuais sobre violência obstétrica presentes na literatura científica?”, nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* e no Banco de Dados em Enfermagem, por meio da Biblioteca Virtual em Saúde. Foi utilizado os Descritores Controlados em Ciências da Saúde, com os cruzamentos por operadores booleanos: “Violência obstétrica AND Violência contra a mulher” AND “Parto humanizado” OR “Educação em Saúde). Resultados: Foram selecionados 12 artigos que fizeram parte do quantitativo final da amostra desse estudo. Os pontos destacados para discussão segundo os estudos analisados foram: Percepção de puérperas sobre violência obstétrica; Tipos de violências obstétricas mais relatadas; Profissionais de saúde x Violência Obstétrica. Conclusão: Os estudos analisados trazem a realidade relatadas por mulheres e profissionais da saúde de uma forma sistematizada

pelos autores. Dessa forma, atingiu-se o objetivo proposto em analisar os conceitos e discussões sobre violência obstétrica, na visão de mulheres e profissionais da saúde, o que enriquece as considerações sobre essa temática ainda pouca abordada na literatura científica. Traz-se a ponderação sobre os malefícios da violência obstétrica e as lacunas que ainda remetem sobre procedimentos médicos e suas indicações.

Palavras-chave: Violência; Gravidez; Violência contra a mulher.

Abstract

Objective: To analyze the concepts and discussions on obstetric violence present in the scientific literature. **Methodology:** This is an integrative review type research, carried out between the months of July 2019 and January 2020. The searches were made operational based on the guiding question “what are the current concepts and discussions on obstetric violence present in the scientific literature? ”, In the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences databases; Medical Literature Analysis and Retrieval System Online and in the Nursing Database, through the Virtual Health Library. The Controlled Descriptors in Health Sciences were used, with intersections by Boolean operators: “Obstetric violence AND Violence against women” AND “Humanized delivery” OR “Health Education). **Results:** 12 articles were selected that were part of the final sample of this study. The points highlighted for discussion according to the studies analyzed were: Perception of puerperal women about obstetric violence; Most reported types of obstetric violence; Health professionals x Obstetric Violence. **Conclusion:** The studies analyzed bring the reality reported by women and health professionals in a systematic way by the authors. Thus, the proposed objective was reached in analyzing the concepts and discussions about obstetric violence, in the view of women and health professionals, which enriches the considerations on this theme that is still little addressed in the scientific literature. The consideration is given to the harmful effects of obstetric violence and the gaps that still refer to medical procedures and their indications.

Keywords: Violence; Pregnancy; Violence against women.

Resumen

Objetivo: analizar los conceptos y debates sobre violencia obstétrica presentes en la literatura científica. **Metodología:** Esta es una investigación de tipo de revisión integradora, realizada entre los meses de julio de 2019 y enero de 2020. Las búsquedas se hicieron operativas con base en la pregunta guía “¿cuáles son los conceptos y debates actuales sobre violencia obstétrica presentes en la literatura científica? ”, En las bases de datos de Literatura en Ciencias de la

Salud de América Latina y el Caribe; Análisis de literatura médica y sistema de recuperación en línea y en la base de datos de enfermería, a través de la Biblioteca Virtual de Salud. Se utilizaron los descriptores controlados en ciencias de la salud, con intersecciones de operadores booleanos: "Violencia obstétrica y violencia contra las mujeres" Y "Entrega humanizada" O "Educación para la salud). Resultados: se seleccionaron 12 artículos que formaban parte de la muestra final de este estudio. Los puntos destacados para discusión según los estudios analizados fueron: percepción de las mujeres puerperales sobre la violencia obstétrica; La mayoría de los tipos reportados de violencia obstétrica; Profesionales de la salud x Violencia obstétrica. Conclusión: Los estudios analizados traen la realidad reportada por mujeres y profesionales de la salud de manera sistemática por los autores. Por lo tanto, el objetivo propuesto se alcanzó al analizar los conceptos y las discusiones sobre la violencia obstétrica, en opinión de las mujeres y los profesionales de la salud, lo que enriquece las consideraciones sobre este tema que aún se aborda poco en la literatura científica. Se consideran los efectos nocivos de la violencia obstétrica y las lagunas que aún se refieren a los procedimientos médicos y sus indicaciones.

Palabras clave: Violencia; Embarazo; Violencia contra la mujer.

1. Introdução

Até meados do século XVII, o parto era considerado um evento restrito à comunidade feminina, tendo a parteira como autoridade principal e a mãe como protagonista, sendo o cenário principal o domicílio (Vendruscolo & Kruehl, 2015). Essa realidade começou a ser radicalmente mudada com o advento da cirurgia cesariana, que se tornou popular rapidamente pelo desenvolvimento da medicina com técnicas seguras e aperfeiçoadas para realização do procedimento (Nakano, Bonan & Teixeira, 2016).

Contudo, a cesariana tornou o parto um evento com pouca participação familiar, despojando o poder de decisão e a privacidade da mulher, tornando-a coadjuvante e trazendo discordância quanto a ampla difusão da prática, pois teria se tornado uma forma de nascer normal, evidenciada pelas altas taxas de realização no Brasil e no mundo (Nakano, Bonan & Teixeira, 2016).

Atualmente, o parto, não importando qual seja a via, se converteu em um acontecimento totalmente hospitalocêntrico, seguindo normas institucionais. Diante disso, a ciência da obstetrícia cresceu com novos entendimentos médicos acerca da gravidez, parto e puerpério, trazendo mais segurança diante de riscos durante o parto (Vendruscolo & Kruehl, 2015).

A partir da hospitalização do processo de nascimento, o parto passou a ser uma situação de propagação de hostilidades, que se tornam profundamente traumáticas por conta da fragilidade e vulnerabilidade que a gravidez proporciona. Nesse contexto, define-se a violência obstétrica (VO) por qualquer tipo de maus tratos ou ações desrespeitosas que firam a dignidade da mulher durante a assistência obstétrica (Pereira *et al*, 2016).

A violência obstétrica pode ser classificada em violência física, psíquica e sexual. Abuso físico e verbal, realização de procedimentos invasivos sem necessidade ou com indicação duvidosa, desconsideração do poder de decisão da mulher, violação do pudor e privacidade são alguns exemplos evidentes e comuns na prática obstétrica brasileira, trazendo uma grande questão de gênero (Pereira *et al*, 2016).

No Brasil, o tema passou a ser difundido no início da década de 2000, onde mulheres socialmente privilegiadas passaram a expor experiências perturbadoras de seus partos associadas às experiências de outras mulheres em países da América Latina, onde foram denunciadas práticas abusivas em serviços de saúde (Assis, 2018). A partir da implantação do Programa de Humanização do Pré-Natal e Nascimento (PHPN), no ano de 2000, diretrizes foram traçadas com a finalidade de proporcionar no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), uma assistência qualificada para as mulheres e seus filhos, durante todo o processo de pré-natal, parto e puerpério, com base nas reivindicações sociais (Rodrigues *et al*. 2018). Dessa forma, o objetivo do estudo é analisar os conceitos e discussões sobre violência obstétrica presentes na literatura científica.

2. Metodologia

Tipo e período do estudo

Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão integrativa. Esse tipo de estudo caracteriza-se com aspecto abrangente, proporcionando a inserção de estudos de variadas metodologias. A revisão integrativa se descreve como um estudo produzido a partir de dados de fontes secundárias, pautando-se no conhecimento mais atual sobre o assunto em questão, sendo importante para o desenvolvimento de políticas e protocolos, além de estimular o pensamento crítico. Dessa forma, a revisão integrativa se realiza a partir de seis fases cruciais: Elaboração da pergunta norteadora; Amostragem com critérios de inclusão e exclusão; Coleta de dados; Análise e classificação dos estudos incluídos; Discussão dos resultados e Apresentação dos

resultados (Souza, Silva & Carvalho, 2010). O estudo teve início em julho de 2019 e a coleta e análise dos dados foram realizadas durante os meses de agosto de 2019 a janeiro de 2020.

Coleta de dados

As buscas foram operacionalizadas nas bases de dados Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); Medline (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*) e na BDEF (Banco de Dados em Enfermagem).

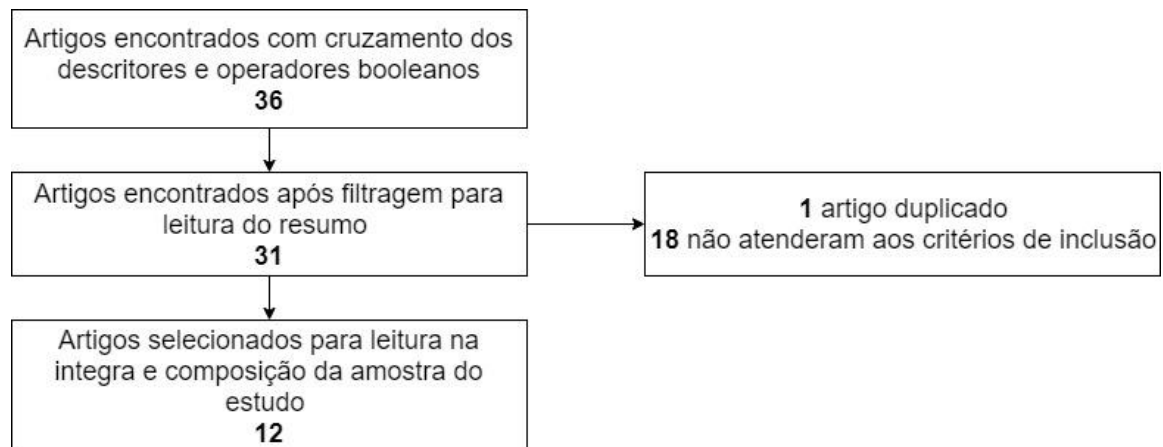
No presente estudo, para a definição da pergunta norteadora, utilizou-se a estratégia PICO, aplicada as pesquisas não clínicas, que aborda os seguintes aspectos: P (população); I (interesse de conhecimento); e Co (Contexto) (Cooke, Smith & Booth, 2012). Sendo assim, a partir da utilização desses pontos adotou-se a seguinte pergunta norteadora: Quais os conceitos e discussões atuais sobre violência obstétrica presentes na literatura científica?

Para realizar uma busca mais abrangente de produções científicas se utilizou dos Descritores Controlados em Ciências da Saúde (DeCS), sendo eles “violência obstétrica”, “violência contra a mulher”, “parto humanizado” e “educação em saúde”. Vale salientar que a palavra-chave “Violência Obstétrica” não se encontra no catálogo dos DeCS, porém, é de fundamental importância para obter estudos específicos sobre o tema. Assim, foi realizado cruzamentos através dos operadores booleanos: “Violência obstétrica AND Violência contra a mulher” AND “Parto humanizado” OR “Educação em Saúde).

Os critérios de inclusão adotados foram: a) artigos integrais em português, inglês ou espanhol, publicados entre 2014 e 2019; b) publicações cuja metodologia permita obter evidências sobre o tema em estudo; c) ensaios clínicos; d) pesquisas experimentais; e, e) pesquisas qualitativas. Justifica-se esse recorte temporal diante da necessidade de buscar e discutir evidências atuais sobre a temática em estudo. Foram excluídos artigos que não se enquadram nos objetivos desse estudo, estudos duplicados, estudos de revisão, dissertações e teses.

Na busca realizada com as palavras-chave e cruzadas com os operadores booleanos, foram encontrados 36 artigos. Após aplicação dos critérios de inclusão, com os filtros da BVS (artigos disponíveis gratuitamente na íntegra; entre 2014 e 2019) obteve-se o número de 31 artigos. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos, em que foram excluídos 19 artigos por não abordarem a temática em estudo. Por fim, foram selecionados 12 estudos que correspondiam aos critérios estabelecidos nesse estudo. O percurso realizado durante a busca está ilustrado na imagem a seguir.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção das produções científicas.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os artigos selecionados para o estudo foram analisados na íntegra e classificados em quadros conforme sua metodologia científica, onde foram discutidos em comparação com a literatura científica. As produções científicas encontradas foram comparadas quanto aos discursos sintetizados dos autores e explanadas de forma didática para melhor compreensão.

Aspectos Éticos

Por tratar-se de revisão de literatura, o estudo é isento da participação de Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de acordo com a resolução 510/2016. Dessa forma, não há necessidade de parecer.

3. Resultados

No presente estudo, foram analisados minuciosamente os 12 artigos que fizeram parte desse estudo. Abaixo, estão detalhadas as principais características dos estudos selecionados que constam com objetivos e método do estudo.

Tabela 1 - Distribuição das produções científicas utilizadas no estudo.

AUTORES	ANO	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA
Silva MC, <i>et al.</i>	2018	Parto e nascimento na região rural: a violência obstétrica	Investigar as formas de violência obstétrica na assistência prestada ao parto e ao nascimento.	Estudo quantitativo, exploratório, descritivo e transversal realizado com 169 puérperas em maternidades públicas.
Inagaki ADDM, <i>et al.</i>	2018	Fatores associados à humanização da assistência em uma maternidade pública	Identificar fatores associados à humanização da assistência durante o trabalho de parto, parto e nascimento.	Estudo quanti-qualitativo, transversal, descritivo, realizado em uma maternidade pública.
LEAL SYP, <i>et al.</i>	2018	Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica	Conhecer a percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica.	Estudo exploratório, com abordagem qualitativa, realizada com 19 enfermeiras que atuavam no Centro Obstétrico de um hospital de referência materno-infantil.
Cardoso FJC, <i>et al.</i>	2017	Violência obstétrica institucional no parto: percepção de profissionais da saúde	Avaliar os saberes e práticas sobre violência obstétrica na percepção dos profissionais da saúde.	Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, realizado por meio de entrevista com 20 profissionais da saúde.
Oliveira MC, Mercedes MC.	2017	Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas	Conhecer a percepção das puérperas no tocante às violências obstétricas.	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, com 10 puérpera
Nascimento LC, <i>et al.</i>	2017	Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos	Desvelar as formas de violências obstétricas sofridas durante a gestação e o parto a partir de relatos de puérperas	Estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa, realizado com 41 puérperas nas Unidades de Saúde da Família.
Oliveira TR, <i>et al.</i>	2017	Percepção das mulheres sobre violência obstétrica	Caracterizar a violência obstétrica vivenciada pelas mulheres durante o processo parturitivo.	Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, realizado com 20 mulheres de uma maternidade pública de referência.
Rodrigues FAC, <i>et al.</i>	2017	Violência obstétrica no processo de parturição em	Analisar a violência institucional contra mulheres no processo de	Estudo descritivo com abordagem quantitativa, realizado em onze hospitais-

		maternidades vinculadas à rede cegonha	parturição em maternidades vinculadas à Rede Cegonha de Fortaleza/ Cascavel.	maternidades de média e alta complexidade.
Oliveira VJ, Penna CMM.	2017	O discurso da violência obstétrica na voz das mulheres e dos profissionais de saúde	Analisar os discursos de mulheres e profissionais de saúde sobre a assistência ao parto, considerando as situações vivenciadas e as interações construídas entre eles durante o trabalho de parto e parto.	Estudo interpretativo, com abordagem qualitativa realizado com 36 parturientes, dez enfermeiros obstetras e 14 médicos obstetras.
Silva RLV, <i>et al.</i>	2016	Violência obstétrica sob o olhar das usuárias	Investigar o conhecimento das mulheres acerca da violência obstétrica.	Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em uma maternidade de referência com oito mulheres.
Biscegli TS, <i>et al.</i>	2015	Violência obstétrica: perfil assistencial de uma maternidade escola do interior do estado de São Paulo	Verificar a prevalência de violência obstétrica na Maternidade de um hospital escola e descrever as características do atendimento.	Estudo transversal, descritivo realizado através da aplicação de questionário presencial, respondido por 172 puérperas.
Silva MC, <i>et al.</i>	2014	Violência obstétrica na visão de enfermeiras obstetras	Relatar a experiência de enfermeiras obstetras sobre a violência obstétrica vivenciada, presenciada e observada durante suas trajetórias profissionais.	Baseia-se no relato de experiência das autoras, construídos em diferentes locais de trabalho, tipos e tempos de formação.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de artigos identificados em bases de dados.

4. Discussões

Conforme a leitura e análise dos artigos escolhidos para compor a pesquisa, estes foram divididos em categorias de aproximação de objetivo, conforme os tópicos que serão discutidos.

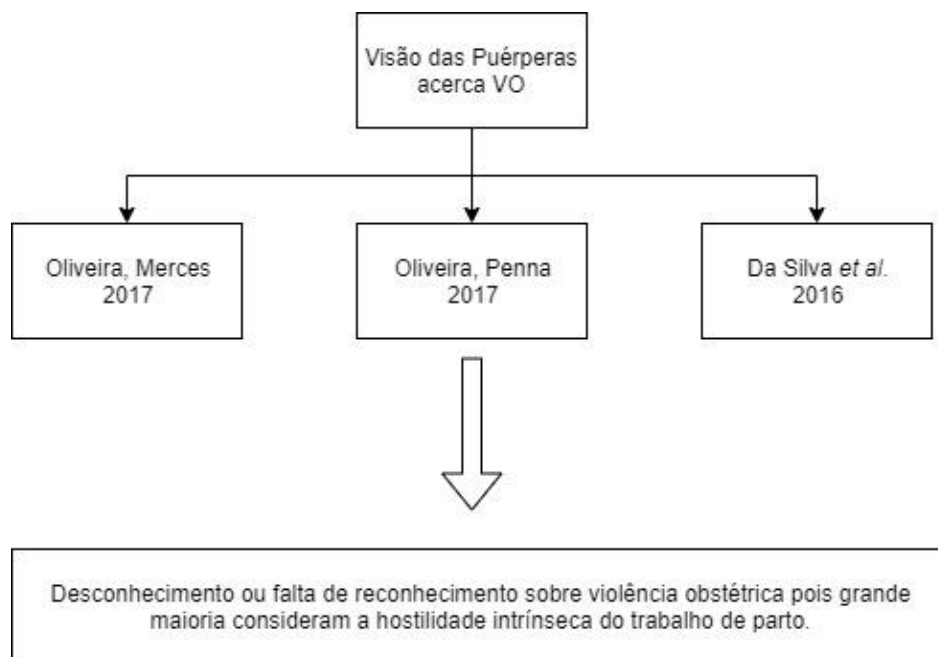
Percepção de puérperas sobre violência obstétrica

O perfil de puérperas da grande maioria dos estudos analisados são mulheres jovens, com parceiro fixo, pardas, de baixa escolaridade e classes socioeconômicas mais vulneráveis. Em sua maioria, esses perfis de mulheres realizam parto normal pois mulheres com condições financeiras mais elevadas optam por partos cesáreos para amenização das dores fisiológicas do parto (Da Silva *et al* 2016).

Na literatura, interpreta-se que as mulheres vítimas de violência obstétrica estão cientes da injúria, contudo, não reconhecem tais maus tratos como uma violação de seus direitos ou sequer associam ao termo em vigência. No estudo de Oliveira (2017), evidencia-se que os conhecimentos das entrevistadas são restritos ao senso comum de violência como alguma injúria necessariamente física ou psicológica. Existem também a percepção de que as práticas de atos dessa natureza são comuns nas maternidades devendo-se ao fato do relato coletivo de experiências desagradáveis onde o cuidado oferecido torna a mulher submissa às ordens dos profissionais de saúde que acabam por comandar o processo parturitivo.

Abaixo, estão os estudos que mais detalharam esse tópico, com ideias complementares que resume este tópico.

Figura 2 - Diagrama das produções científicas acerca a percepção das puérperas.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de artigos identificados em bases de dados.

Nota-se que a violência obstétrica é presente em ambos os tipos de parto, porém, durante o parto vaginal, ela se torna mais visível e agressiva. Tal fator pode ser explicado pela lentidão do trabalho de parto, sendo um processo doloroso e de intenso estresse para a mulher conjugado a situação física e mental em que o profissional assistencialista se encontra. As jornadas de trabalho dos profissionais da saúde tendem a ser exaustivas e agitadas, gerando uma sobrecarga psicossomática, dessa forma, o indivíduo tende a ficar menos tolerante ao meio em que aplica seu exercício profissional (De Carvalho *et al.* 2017).

É esperado que uma assistência inadequada deixe consequências para a gestante e/ou para o recém-nascido. Os relatos giram em torno da traumatização de um parto desventurado em que a mulher desenvolve sentimento pessimistas pela má experiência. Existem também as sequelas físicas que se configuram como cicatrizes desnecessárias ou extensas, outras complicações sistêmicas para o recém-nascido e/ou mãe que são negligenciados na assistência. Esses casos devem ser considerados mais graves e pontuais.

Tipos de violências obstétricas mais relatadas

Dentre as pesquisas que abordaram os relatos de mulheres sobre o acontecimento concreto de atos violentos e desumanizados, se destacou em grande parte o uso de discurso degradante. Alguns exemplos citados no estudo de Oliveira (2017), puérperas mencionaram agressões verbais como chamá-las de adjetivos humilhantes ou impedi-las de se expressar verbalmente.

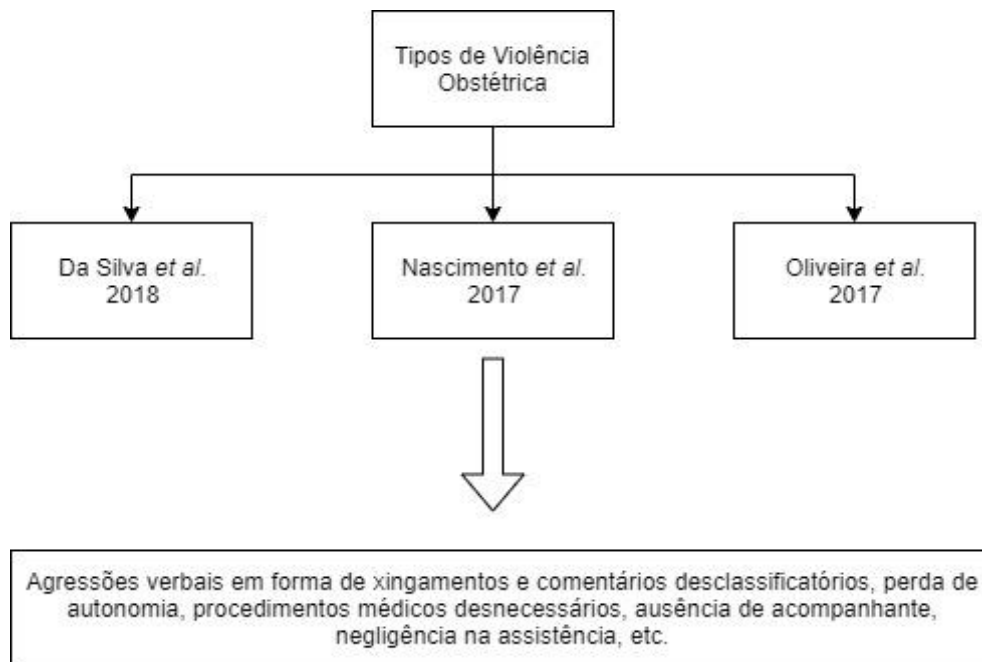
No estudo relatado acima, 20 mulheres entrevistadas em uma maternidade de referência listaram negligência na assistência e agressão verbal como as formas de violência obstétricas mais vivenciadas. Segundo alguns discursos citados, adjetivos humilhantes foram relacionados à fala de profissionais médicos. Em vinculação a negligência a assistência, a manifestação se destaca para os profissionais da enfermagem, onde os relatos voltam-se para a desatenção para durante o cuidado e a omissão de informações sobre a situação da paciente.

Contudo, há outros tipos de acontecimentos que levaram a insatisfação dos pacientes. A falta de comunicação entre a equipe e a paciente também foi bastante citada, já que, segundo as narrativas, os profissionais se dirigem às pacientes para realizar algum procedimento ou tomar alguma conduta sem informá-la ou explicar sobre sua condição clínica. É importante ressaltar que a comunicação ao paciente sobre procedimentos e condutas é substancial em qualquer tipo de atendimento na área da saúde, visto que o paciente tem direito de ter plena ciência de sua situação, podendo recusar ou aderir à terapêutica, estando pleno em suas faculdades mentais.

Todo esse contexto pode configurar uma negligência na assistência por parte da equipe profissional.

Na figura abaixo, o diagrama explana as produções científicas que especificam de forma específica e convergente sobre as formas de violência obstétrica mais relatadas:

Figura 3 - Diagrama sobre as formas de violência obstétricas abordadas.



Fonte: Elaborada pelos autores a partir de artigos identificados em bases de dados.

A qualidade da assistência deriva-se da relação entre o profissional de saúde e usuário do serviço. A falta de identificação dos profissionais é uma circunstância que colabora para a fragilização dessa relação profissional-usuário, dessa forma, a parturiente não confia na equipe responsável pelo seu cuidado, tornando a assistência vulnerável. Em alguns relatos analisados, as mulheres veem o serviço público como um favor prestado, pela isenção de taxas, por isso, é mais susceptível à ocorrência de maus tratos, quando na verdade trata-se de um direito de toda mulher em trabalho de parto (Guimarães *et al.* 2018).

Violências físicas também foram amplamente referidas, principalmente a manobra de Kristeller, que se caracteriza como o uso de pressão manual no fundo do útero que resultará com a saída mais rápida do bebê. Entende-se que o parto é um momento doloroso para a mulher e cansativo para a equipe que presta a assistência, portanto, é notório que ambos desejam um nascimento rápido. Porém, nessa perspectiva, é necessário prezar primeiramente pela vida do binômio mãe-filho do que encurtar o parto com práticas pouco benéficas em longo prazo, visto

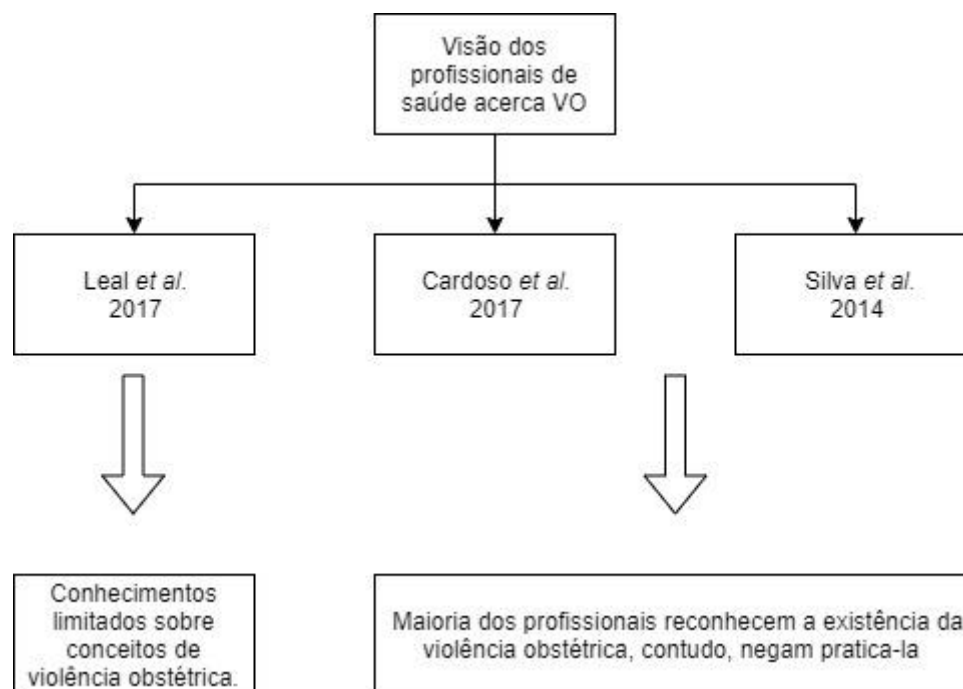
que a utilização da manobra de Kristeller há riscos para ruptura de órgãos internos na mulher ou traumas físicos na criança, entre outros danos estudados.

São notórios e pronunciados os sentimentos negativos que emergem de mulheres que denotam suas experiências com partos ultrajantes, com distinções de medo, tristeza, incapacidade e desvalorização (Guimarães *et al.* 2018).

Profissionais de saúde x Violência Obstétrica

Nos estudos que condisseram à percepção dos profissionais de saúde que trabalham diretamente na assistência ao parto e nascimento, os resultados foram similares, com divergências sutis, sendo esses profissionais citados resumidos a médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem. A ilustração a seguir traz as divergências e convergências dos autores sobre a temática:

Figura 4 - Diagrama sobre a percepção dos profissionais de saúde acerca Violência Obstétrica.



Fonte: Elaborada pelos autores a partir de artigos identificados em bases de dados.

De uma forma geral, profissionais da obstetria possuem o conhecimento sobre o termo violência obstétrica e reconhecem que é uma realidade, contudo, houve artigos que ainda mostraram um pequeno percentil de profissionais que não se quer ouviram falar do termo. Em

um estudo com apenas enfermeiras obstétricas, contemplou-se um grande conhecimento sobre violência obstétrica e suas múltiplas formas de ocorrência, porém, alguns tipos de procedimentos e práticas invasivas não foram considerados um ato de desumanização, como exemplo, a episiotomia.

Para a categoria da Enfermagem, é reconhecido que a violência obstétrica é a privação da autonomia e respeito à mulher em suas fases de gravidez e puerpério, podendo causar danos físicos e psicológicos para aquela que passa. Ressalta-se que os enfermeiros que expõe suas falas conceituam o fenômeno conforme as definições de organizações de saúde (Santos *et al.* 2018).

Segundo Cardoso *et al.* (2017) em um estudo exploratório, os profissionais de enfermagem são capazes de reconhecer quando eles mesmos cometem esse tipo de agressão, justificado pelo sentimento de medo de complicações durante o parto, sendo um exemplo as grosserias ditas a mulheres que não aceitam a conduta médica. Além disso, enfermeiros também admitem já ter presenciado episódios com outros profissionais da mesma ou de outras categorias praticando lances de violência obstétrica.

Segundo Oliveira e Penna (2017), houve narrativas positivas onde profissionais responsáveis pelo cuidado se posicionavam contra a violência obstétricas em situações reais. Nesse estudo são observados relatos de enfermeiras que demonstram sentimentos negativos aos atos danosos à parturiente, que se tornam traumatizantes também para quem observa, porém, em menor intensidade de quem sofre. Há também o relato de enfermeiras que referem que há puérperas que não “colaboram” com a equipe, gerando conflito iminente entre equipe e paciente.

No cenário específico da Enfermagem, é válido salientar que o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), conforme o novo código de ética na Resolução N° 0564/2017, proíbe que o profissional de enfermagem cause, colabore ou omita qualquer forma de violência ao paciente, família ou coletividade, estando este sob o exercício da profissão, sendo passível de penalidade como cassação do direito ao exercício profissional por um período de até 30 anos (Cofen, 2017).

5. Considerações Finais

Os estudos analisados trazem a realidade relatadas por mulheres e profissionais da saúde de uma forma sistematizada pelos autores das produções analisadas. Dentre os tipos de violência obstétricas narradas estão os abusos verbais, físicos e institucionais, que, muitas vezes

acontecem por falta de conhecimento da mulher e da família. Tais atitudes podem desencadear consequências físicas e psicológicas para a mãe e o recém-nascido, além de ter impacto direto na comunidade em que estão inseridos. Contudo, é necessário que mais estudos sejam realizados pois é notório que esses dados podem divergir conforme as regiões, culturas e instituições de perfis diferentes.

Os profissionais de saúde, incluindo médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem, possuem discursos destoantes quanto ao conhecimento das definições de violência obstétrica e suas variáveis, reconhecimento de atos violentos ou até mesmo reconhecimento da prática. Nesse contexto, a deliberação sobre violência obstétrica deve se iniciar desde a academia e se estender a programas de especialização em ginecologia e obstetrícia, além de ser algo cobrado pelas instituições prestadoras desses serviços, incluindo-a em educação permanente.

Assim, profissional de enfermagem pode trabalhar ofertando um ambiente agradável, limpo e alegre que proporcione conforto para as parturientes. Além disso, é necessário despertar o olhar humanizado e holístico para essas usuárias, considerando suas emoções e dores durante o processo parturitivo.

Traz-se a ponderação sobre os malefícios da violência obstétrica e as lacunas que ainda remetem sobre procedimentos médicos e suas indicações. Destaca-se a necessidade da colaboração de hospitais e maternidade para realização de estudos para que a assistência ao binômio mãe e filho seja prestada com qualidade e baseada em evidências.

Além disso, há a necessidade de que as mulheres sejam mais bem preparadas para o trabalho de parto durante o período pré-natal pois dessa forma a gestante empodera-se de seus direitos.

Dessa forma, atingiu-se o objetivo proposto em analisar os conceitos e discussões sobre violência obstétrica, na visão de mulheres e profissionais da saúde, o que enriquece as considerações sobre essa temática ainda pouca abordada na literatura científica.

Entende-se como limitação desse estudo o pouco número de estudos a qual foram encontrados, o que evidencia a necessidade da realização de mais trabalhos científicos que abordem essa temática.

Referências

Assis, J. F. (2018). Interseccionalidade, Racismo Institucional E Direitos Humanos: Compreensões À Violência Obstétrica. *Serviço Social & Sociedade*, (133), 547-565.

Brasil. Ministério Da Saúde. Secretaria De Atenção À Saúde. (2011). *Manual Prático Para Implementação Da Rede Cegonha*. Brasília.

Brasil, Parto Do Princípio–Mulheres Em Rede Pela Maternidade Ativa. (2012). *Dossiê Da Violência Obstétrica. “Parirás Com Dor”*. Elaborado Para A Cpmi Violência Contra As Mulheres. Disponível Em: <<Http://Www.Senado.Gov.Br/Comissoes/Documen>> [Acesso Em 17 Jan. 2019].

Cardoso, F. J. C., Costa, A. C. M., Almeida, M. M., Santos, T. S., & Oliveira, F. B. M. (2017). Violência Obstétrica Institucional No Parto: Percepção De Profissionais Da Saúde. *Rev. enferm. UFPE on line*, 3346-3353.

Conselho Federal De Enfermagem. (2017). *Resolução N°564/2017*. Diário Oficial Da União: Brasília/Df, Disponível Em: <Http://Www.Cofen.Gov.Br/Resolucao-Cofen-No-5642017_59145.Html>. Acesso Em: 05/11/2019.

Cooke, A., Smith, D., & Booth, A. (2012). Beyond PICO: The SPIDER Tool for qualitative evidence synthesis. *Qual Health Res*, 22(10), 1435-1443.

Silva, M. C., Marcelino, M. C., Rodrigues, L. S. P., Toro, R. C. & Shimo, A. K. K. (2014). Violência Obstétrica Na Visão De Enfermeiras Obstetras. *Rev Rene* 15 (4), 720-728.

Carvalho, D. P., Rocha, L. P., Barlem, J. G. T., Dias, J. S., & Schallenberger, C. D. (2017). Cargas de trabalho e a saúde do trabalhador de enfermagem: revisão integrativa. *Cogitare Enfermagem*, 22(1)

Diniz, S. G., Salgado, H. D. O., Andrezzo, H. D. A., Carvalho, P. G. C. D., Carvalho, P. C. A., Aguiar, C. D. A., & Niy, D. Y. (2015). Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção. *J Hum Growth Dev*, 25(3), 377-82.

Guimarães, L. B. E., Jonas, E., & Amaral, L. R. O. G. D. (2018). Violência obstétrica em maternidades públicas do estado do Tocantins. *Revista Estudos Feministas*, 26(1).

Inagaki, A. D. D. M., Lopes, R. J. P. L., Cardoso, N. P., Feitosa, L. M., Abud, A. C. F., & Ribeiro, C. J. N. (2018). Fatores Associados À Humanização Da Assistência Em Uma Maternidade Pública. *Rev Enferm Ufpe On Line*, 12(7), 1879-1886.

Leal, S. Y. P., Lima, V. L. A., Da Silva, A. F., Soares, P. D. F. L., & Santana, L. R.P. (2018). A Percepção De Enfermeiras Obstétricas Acerca Da Violência Obstétrica. *Cogitare Enfermagem*, 23(2).

Nakano, A.R., Bonan, C., & Teixeira, L.A. (2016) Cesárea, Aperfeiçoando A Técnica E Normatizando A Prática: Uma Análise Do Livro Obstetrícia, De Jorge De Rezende. *História, Ciências, Saúde*, 23(1), 155-172.

Nascimento, L. C., Santos, K. F. O. D., Andrade C. G. D., Costa, I. C. P., & Brito, F. M. D. (2017). Relato De Puérperas Acerca Da Violência Obstétrica Nos Serviços Públicos. *Rev. Enferm. Ufpe On Line*, 11(5), 2014-2023.

Oliveira, F. A. M., et al (2016). Reflexões Acerca Da Atuação Do Enfermeiro Na Rede Cegonha. *Rev Enferm Ufpe On Line*, 867-74.

Oliveira, M. C., & Mercês, M. C. (2017) Percepções Sobre Violências Obstétricas Na Ótica De Puérperas. *Rev. Enferm. Ufpe On Line*, 11(6), 2483-2489.

Oliveira, T. R., Costa, R. E. O. L., Monte, N. L., Veras, J. M. M. F., & Sá, M. I. M. R. (2017). Percepção Das Mulheres Sobre Violência Obstétrica; *Rev Enferm Ufpe On Line.*, 11(1), 40-46.

Oliveira, V. J., & Penna, C. M. M. (2017) O Discurso Da Violência Obstétrica Na Voz Das Mulheres E Dos Profissionais De Saúde. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 26(2).

Pereira, J. S., Silva, J. C. O., Borges, N. A., Ribeiro, M. M. G., Auarek, L. J., & Souza, J. H. K. (2016). Violência Obstétrica: Ofensa À Dignidade Humana. *Brazilian Journal Of Surgery And Clinical Research-Bjscr*, 15(1), 103-108.

Rodrigues, D. P., Alves, V. H., Vieira, R. S., Leão, D. C. M. R., Paula, E., & Pimentel, P. P. (2018). A Violência Obstétrica No Contexto Do Parto E Nascimento. *Rev Enferm Ufpe On Line.*, 12(1), 236-246.

Rodrigues, F. A. C., Lira, S. V. G., Magalhães, P. H., Freitas, A. L. V., Mitros, V. M. S., & Almeida, P. C. (2017). Violência Obstétrica No Processo De Parturição Em Maternidades Vinculadas À Rede Cegonha. *Reprodução & Climatério*, 32(2), 78-84.

Santos, A. L. M., Backes, M. T. S., Smeha, L. N., Freitas, H. M. B., & Souza, M. H. T. (2018). Violência Obstétrica: Percepção Dos Profissionais De Enfermagem Acerca Do Cuidado. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Da Saúde*, 19(2), 301-309.

Silva, M. C., Feijó, B. M., Lopes, F. A. N. S. P., Guerra, F. J. F., Dos Santos, I.S., Rodrigues, G. O., Santos, M. P., & Dos Anjos, S. J. S. B. (2018). Parto E Nascimento Na Região Rural: A Violência Obstétrica. *Rev. Enferm. Ufpe On Line*, 12(9), 2407-2417.

Silva, R. L. V., Lucena, K. D. T. D., Deininger, L. D. S. C., Martins, V. D. M. D. S., Monteiro, A. C. C., & Moura, R. D. M. A. (2016). Violência Obstétrica Sob O Olhar Das Usuárias. *Rev. Enferm. Ufpe On Line*, 10(12), 4474-4480.

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão Integrativa: O Que É E Como Fazer. *Einstein* (São Paulo), 8(1), 102-106.

Vendruscolo, C.T., & Kruehl, C. S. (2015). A História Do Parto: Do Domicílio Ao Hospital; Das Parteiras Ao Médico; De Sujeito A Objeto. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Humanas*, Santa Maria, 16(1), 95-107.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ana Luiza Macedo Feijão – 50%

Gabriel Pereira Maciel – 25%

Jade Maria Albuquerque de Oliveira – 25%